

práticas educativas para a compaixão voltadas para crianças e adolescentes

Sistematização de processo de intervenção

GT 1- Ciência, Tecnologia e Inovação

Maria da Conceição Lafayette de Almeida

Mônica Andrade Lima Pedrosa

Maria Eduarda Couto

Vitor Bahia

Maria Julia Isidoro

Durante o ano de 2012, desenvolvemos o projeto de extensão Práticas educacionais para a compaixão no cotidiano: exercitando a capacidade de se colocar no lugar do outro, tendo como público alvo crianças e adolescentes, alunos do Ensino Fundamental I (06 a 12 anos) de uma escola municipal. O objetivo foi estimular, a melhor convivência entre alunos em escolas de bairros periféricos da cidade do Recife. Construímos o projeto a partir do conceito da compaixão, entendida aqui como a capacidade de se colocar no lugar. Para isso, desenvolvemos ferramentas pautadas no diálogo entre os estudos sociológicos e pedagógicos. Apresentamos, também, quatro abordagens teóricas sobre a compaixão contribuindo para a discussão do tema no escopo das Ciências Sociais.

Compaixão; Práticas Educativas; Ciências Sociais

Introdução

Tradicionalmente a noção de compaixão, tem sido associada à religião e pode ser encontrada em todas as culturas, embora não seja possível a identificação de culturas predominantemente compassivas ou mais compassivas do que outras. O que se pode afirmar é que a compaixão está pautada na vontade de superação do sofrimento do eu e do outro e na promoção da felicidade entre iguais. Ao longo da história, porém, esse sentido foi distorcido e reduzido a um sentimento de pena, gerando uma relação de hierarquia entre as pessoas e distanciando-se do sentido da real da compaixão que, para existir, precisa ser fundada no exercício de se colocar no lugar do outro.

Acontecimentos como grandes desastres naturais ou causados por falha humana, bem como guerras e situações de conflito intenso permitem que, ao lado da tragédia, se perceba de forma mais sistemática, o exercício de práticas compassivas. Esses momentos são marcadores da história da humanidade e por isso mesmo, servem de referência para a reflexão e para a busca de atitudes que possam vir a transformar e construir práticas sociais voltadas para minimizar o sofrimento e o bem estar.

Dessa forma, alguns movimentos em torno de temas como a compaixão, do amor e do perdão, vieram a se tornar mais conhecidos e tomar proporções mais globalizadas a partir do 11 de setembro. É dentro desse contexto que muitos movimentos institucionalizam-se e utilizando-se das vantagens positivas da globalização e das redes sociais procuram fomentar valores que estimulem a convivência pacífica e harmoniosa. Dois exemplos desse tipo de empreendimento podem ser vistos através do Institute of Unlimited Love e da criação da Charter for Compassion disseminado através do TED – ideas worth spreading.

Nosso ponto de partida tem como foco o movimento impulsionado pela Charter for Compassion. Trata-se, na verdade, de uma carta com 12 itens sobre a compaixão como valor possível de construção e de disseminação que originou grupos de discussão e atuação em comunidades e mesmo universidades. Sua autora, Karen Armstrong define a compaixão afirmando que *“a compaixão desperta o conhecimento de nós mesmos e do outro e nos permite descobrir nosso potencial para compreensão, empatia e altruísmo, os quais podem ser traduzidos em ações de bondade e respeito que não necessariamente fazem referência somente a práticas religiosas”* (ARMSTRONG, 2011).

A importância da afirmação dos valores e da disseminação do Charter for Compassion, se dá na medida em que a noção de compaixão transcende a esfera religiosa e passa a ser visto como uma prática a ser perseguida no exercício da vida cotidiana, podendo a ela ser incorporado. Dessa forma, ganha-se liberdade para trabalhar a compaixão como uma capacidade humana que estimula o potencial construtivo do ser humano, independente das afiliações religiosas dos sujeitos. Ademais, a compaixão como um valor de promoção do potencial humano, voltada para a compreensão, empatia e altruísmo, pode ser estimulada através de práticas educativas e melhor compreendida através de estudos e pesquisas sobre o comportamento compassivo. Essas duas dimensões assumem uma real importância para o nosso caso, já que permite tanto o desenvolvimento de práticas de intervenção e de pesquisa podendo ser associada à “sociologia aplicada”, como à realização de formulações teóricas contribuindo para a ampliação de uma sociologia da compaixão, dentro do âmbito da sociologia das moralidades. (2000).

A partir dessas considerações, retomamos ao ponto inicial que consiste na apresentação de um projeto de extensão tendo a compaixão como ponto norteador e estruturador de práticas educativas voltadas para crianças e adolescentes de uma escola pública municipal.

O projeto

Durante o ano de 2012, mediante aprovação da Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal de Pernambuco, desenvolvemos o projeto de extensão *Práticas educacionais para a compaixão no cotidiano: exercitando a capacidade de se colocar no lugar do outro*, que teve como público alvo alunos do Ensino Fundamental I da escola municipal situada na cidade Recife-PE.

O objetivo principal do projeto foi estimular, através de dinâmicas e abordagens socioeducacionais, a melhor convivência entre os alunos no sentido de minimizar a cultura de violência que compromete o ensino e o bem-estar no ambiente da escola. O projeto foi construído a partir do conceito e da prática da compaixão entendida aqui como a capacidade de se colocar no lugar do outro e que pode estimular a capacidade do diálogo e da convivência com mais tolerância e ajuda mútua. Partiu-se para o desenvolvimento de ferramentas construídas com base em práticas pedagógicas referenciadas sociologicamente, tendo como diretriz fazer com que as crianças desenvolvessem a percepção sobre o reconhecimento do outro. Entende-se que essa atitude torna possível o respeito e a valorização das diferenças e semelhanças existentes entre as pessoas e pode contribuir para uma vida social com maior tolerância.

O projeto foi desenvolvido na Escola Municipal Antônio Tibúrcio, localizada no Alto Santa Teresinha, bairro da periferia da cidade. Como grande parte das escolas públicas recifenses, a escola Antônio Tibúrcio apresenta problemas claros de infraestrutura, sobrecarga de trabalho dos professores e de outros funcionários, bem como ausência de profissionais fundamentais ao ambiente de ensino como psicólogos ou psicopedagogos. Tais lacunas comprometem, em grande medida, o desenvolvimento do aprendizado dos alunos. Contudo, os problemas que vão além da estrutura da escola, ou seja, os mais subjetivos, são também importantes fatores que interferem negativamente na formação das crianças, sendo estes o foco da nossa ação, compreendendo os seguintes aspectos:

- Baixa autoestima: é um grave empecilho do processo educativo e compromete em grande parte a convivência do aluno com os amigos e com os professores. Alguns alunos não se satisfazem com a sua produção em sala de aula e muitas vezes desistem de compreender o conteúdo passado por acreditarem que não são capazes, dificultando seu aprendizado e seu processo de socialização.
- Falta de contato e percepção da natureza: há uma falta de consciência de que nós seres humanos também somos parte da natureza; que fazemos parte do meio em que vivemos. Isso compromete o respeito e a convivência com o meio-ambiente. Um dos pontos que agravam essa situação é a ausência de áreas verdes na escola.
- Falta de reconhecimento mútuo: os alunos costumam direcionar-se aos outros principalmente a partir das suas diferenças e por isso acabam por isolar-se com os seus problemas, deixando de

reconhecer que as suas dificuldades podem ser compartilhadas com o outro. A partir do momento em que o aluno não reconhece o outro como semelhante, está aberto o caminho para problemas como o preconceito, discriminação e violência.

- Falta de confiança: muitos alunos não confiam nos colegas de turma e alguns deles afirmam não ter amigos na escola. Além disso, demonstram falta de confiança em si mesmos, algo semelhante aos casos de baixa autoestima. Isso permite uma vivência agressiva entre eles, pois demonstra uma clara fragmentação dos vínculos de amizade. É um processo dialético da descrença no outro e da descrença em si.

- Falta de responsabilidade: este problema se subdivide em dois âmbitos: a falta de consciência de que é preciso zelar pelo espaço público (escola, materiais escolares, etc.); e falta de consciência de que é preciso ser responsável pelo outro (conectividade com o outro). Isto compromete o dever espontâneo de construir coletivamente o espaço em que se vive.

- A cultura do grito e a dificuldade de escutar: a cultura do grito é algo muito presente no cotidiano da escola. Os alunos conversam gritando, as professoras punem gritando, as ordens vêm com o grito, etc. Essa prática está entranhada na vivência da escola e causa estresse nos funcionários e alunos. Além disso, grande parte deles estão imersos na inconsciência de que é preciso escutar. Não se trata, muitas vezes, da não escuta intencional, mas sim na falta de percepção de que eles não estão escutando. O tempo perdido no convencimento de que é preciso um silêncio viável para as atividades é um problema grave.

- Preconceito e discriminação: o preconceito e a discriminação são constantes na escola, mas o preconceito pela cor da pele, principalmente entre os negros, é um dos pontos que mais causam mal-estar e problemas de convivência entre os alunos. Além disso, há discriminação contra alunos que possuem características físicas desviantes das do demais e casos de preconceito contra alunos que têm pais ou mães homossexuais. Isso é uma das principais causas dos problemas de autoestima;

- Pouco contato com a expressão artística: há pouco conhecimento e contato com expressões artísticas e isso compromete a capacidade de abstração dos alunos, além de limitar as possibilidades de um aprendizado mais amplo.

- Cultura de violência: além da cultura do grito, os alunos se relacionam muitas vezes por agressão física ou verbal. Há impaciência com a fala do outro e com o modo do outro se comportar. Dependendo da idade dos alunos isso pode causar inimizades e fragmentações no grupo de convivência da sala de aula, em específico, e da escola, em geral;

É importante salientar que esses não são os únicos problemas da escola, mas essa seleção ilustra bem a situação que vivenciamos no projeto. Esses problemas, também, não são estanques entre si; o que nos faz refletir que as suas causas são fluidas e várias.

Acreditamos que trabalhar com crianças nos dá a possibilidade de construir, desde a infância, uma cultura prática voltada para a compaixão e para o respeito. Ao falarmos de formação, há uma noção clara de que o processo de educação e socialização tem um papel decisivo na realidade social. Sendo assim, o trabalho com crianças propicia a formação de valores voltados para a compaixão que, ao longo do tempo, poderão fazer parte da cultura e da vida das crianças.

Metodologia empregada

A metodologia utilizada compreendeu dois eixos: intervenção e avaliação. A intervenção se deu através de dinâmicas que ressaltaram aspectos como a interdependência dos sujeitos, a autoestima, o reconhecimento de si no outro e na natureza, o cuidado com o material escolar e o respeito com o espaço público. Já a avaliação se deu de forma sistemática e contínua, constituindo-se através do diálogo com coordenadores e professores da escola, para melhor perceber a compreensão das

crianças sobre os temas desenvolvidos; da realização de reuniões quinzenais com o coordenador do projeto e de reuniões semanais do grupo executor.

Os resultados diretos dessas atividades, obtidos até então, são muito satisfatórios, ainda que embrionários. Nota-se na vivência da escola que houve mudanças no comportamento dos alunos, pois, mesmo que casos de violência e desrespeito estejam claramente presentes, o diálogo e a tolerância foram intensificados no ambiente escolar. Ao longo desse ano, percebeu-se que é extremamente necessária a continuidade das atividades, uma vez que os resultados são processuais e precisam de um acompanhamento mais duradouro. Por esse motivo, reproduzimos e ampliamos o projeto para o ano de 2013, para que seja possível contribuir de maneira mais ampla para a formulação de políticas públicas voltadas para a compaixão

A expectativa é que os resultados dessa experiência deem continuidade ao desenvolvimento de tecnologias iniciadas no ano anterior voltadas para a superação de adversidades e sofrimento, para ampliação do diálogo interdisciplinar entre Ciências Sociais e Pedagogia e para a possibilidade de difusão dos conhecimentos adquiridos na prática.

Além disso, a continuidade do projeto também possibilita o aprofundamento e o diálogo da temática da compaixão com perspectivas teóricas das Ciências Sociais. A intenção, com essa intersecção, é compreender melhor a importância da compaixão na vida das pessoas através de pesquisas e da reflexão teórica.

Ciências Sociais e Compaixão: um diálogo em construção

A preocupação com o diálogo entre a compaixão e as Ciências Sociais esteve presente desde o início do projeto. Em primeiro lugar porque, em se tratando de um projeto de extensão universitária, espera-se sempre que a prática esteja calcada em um arcabouço teórico e que dessa forma contemple o tripé extensão, ensino e pesquisa. Uma das primeiras preocupações foi a de encontrar conceitos e autores que pudessem fomentar esse diálogo.

Especificamente para o projeto, duas linhas teóricas apareceram como importantes, por estarem ligadas às Ciências Sociais e à Pedagogia. A primeira, a Teoria da Dádiva, elaborada pelo antropólogo francês Marcel Mauss afirmando que as relações sociais são construídas a partir da troca recíproca de dar, receber e retribuir (MAUSS, 2005). Ao enfatizar esses aspectos, a teoria da dádiva contribuiu enormemente para uma visão mais solidária da realidade social, permitindo que enxerguemos a vida de uma maneira mais horizontal e a importância das trocas simbólicas e afetivas na construção dos laços sociais. Esse caminho nos pareceu pertinente para a reflexão sobre a compaixão que não pode ocorrer sem uma interação positiva entre os sujeitos. Ou seja, no exercício da compaixão se torna necessária a proximidade entre as pessoas, para que se dê a compreensão da necessidade do outro e de um tipo específico de dádiva que é a de se colocar no lugar do outro como o passo primeiro para minorar o sofrimento. Para Mauss (2005) a relação de troca com o outro é, também, uma dimensão de prazer. Por outro lado, o gesto não retribuído ou feito de maneira forçada, compromete a circulação da dádiva fragmentando o vínculo social e causando sofrimento. Portanto, a importância da dimensão do vínculo entre as pessoas como contribuição para minimizar o sofrimento e a infelicidade, encontrada na teoria da dádiva, permite se pensar a compaixão como uma atitude ou como uma ferramenta a ser estimulada.

A segunda linha teórica tomada como caminho, foi o legado deixado por Paulo Freire (FREIRE, 2008). O pensamento elaborado pelo autor nos impele a refletir sobre a importância da democracia e da responsabilidade para com o/a outro/a, enquanto cidadã/o pertencente a uma sociedade. Alguns pontos importantes dessa teoria são: a horizontalidade do saber, ou seja, todas as experiências de vida são importantes para a construção coletiva da educação onde o professor e o aluno são corresponsáveis pelo ensino e pela convivência no mundo e o dever de se adequar a experiência do aluno e do professor ao processo de ensino, já que nessa perspectiva não há possibilidade de se aprender nem de se ensinar quando as referências pedagógicas e as atividades em sala de aula estão distantes da realidade do aluno e do professor. Percebe-se, portanto, uma reciprocidade que possibilita a experiência de troca e facilita o entendimento do processo compassivo.

Entretanto na medida em que o projeto foi se desenvolvendo, fomos buscando referências tanto de projetos de intervenção quanto de uma bibliografia voltada de forma mais específica para a compaixão e para temas correlatos como amor, perdão, benevolência, empatia e principalmente a compaixão propriamente dita, trabalhada e desenvolvida em áreas como a Filosofia, a Psicologia, e principalmente a Antropologia e a Sociologia.

Entendemos que este é um grande desafio já que, como dito anteriormente, a veiculação dessa temática tem sido pouco abordada, no nosso campo da investigação sociológica e antropológica. Portanto, o que se segue está pautado em levantamento bibliográfico rastreado através da internet em bibliotecas de Universidades do exterior. Da pesquisa feita, selecionamos quatro abordagens que nos parecem relevantes para dar continuidade ao desenvolvimento da temática da compaixão numa perspectiva de reflexão mais teórica a partir da qual possamos desenvolver novas pesquisas e intervenções. Trata-se de quatro trabalhos envolvendo a temática da compaixão ou temas correlatos: On Kindness livro escrito por Adam Phillips e Barbara Taylor; – Unlimited Love, Compassion and Forgiveness: acts of moral exemplars - artigo escrito por Samuel Oliner resultante de uma pesquisa aplicada; The Sociology of Compassion: A Study in the Sociology of Morals – artigo escrito por Natan Szneider ; e também o artigo Compassion, escrito por Nancy Snow. Embora reconhecendo a raiz religiosa do tema da compaixão, todos, em maior ou menor escala, buscam ligações com autores das Ciências Sociais enfocando o tema da compaixão para além da dimensão religiosa. Entendemos que no mundo laico e secularizado em que vivemos, a religião, embora presente na vida de muitos, pode ser uma barreira para a adesão a temas como a compaixão. Armstrong (2011), inaugura com a sua discussão em torno da compaixão uma abordagem supra-religiosa. Incluindo o que há de mais pertinente nas três religiões monoteísta, no sentido de marcar pontos de convergência entre as mesmas, a autora mostra como tal convergência pode ser ponto de encontro e não de separatismo. Se nas religiões abordadas os pontos de convergência são significativos, melhor então se centrar neles para a superação de possíveis barreiras.

Ao trazermos abordagens tendo a compaixão como objeto de reflexão o objetivo é ampliar essa discussão dentro do escopo das Ciências Sociais em geral e em particular da sociologia e de outras disciplinas correlatas.

Estudos sobre compaixão e temas afins.

Adam Phillips e Barbara Taylor – On Kindness

O que tem dificultado temas como a compaixão compor currículos acadêmicos ou ser veiculado mais frequentemente em espaços de discussão científica? Embora falando não de compaixão diretamente, mas de “kindness”, Adam Phillips psicanalista inglês, e Barbara Taylor, historiadora, mostram a trajetória da palavra kindness que pode ser entendida como amor ao próximo, generosidade, benevolência, compaixão, empatia e argumentam que a partir do século XVI a mesma passa a ser combatida pelo individualismo competitivo.

Segundo os autores, ao longo do tempo, “kindness”, palavra que originalmente significava “sameness” – o mesmo que - ou “kinship” – parentesco, passa a ter significados mais abrangentes incluindo sentimentos que passaram a ser expressos em uma variedade de nomes, como os acima citados. Também podia significar *filantropia* - amor pela humanidade e *caritas* - amor pelo próximo (Phillips and Taylor, 2010, p.6). “Kindness” denotava o que na época vitoriana entendia-se por “open-heartedness”, a expansão do um eu ligando-se a um outro eu. Afirmando que os sentimentos contidos na expressão kindness se ancoram na tradição cristã, cuja máxima é “ame ao próximo como a si mesmo”, os autores argumentam que a caridade funcionou, por muito tempo, como “cimento cultural” ligando os indivíduos entre si na sociedade. Mas novas ideias centradas no individualismo competitivo passam a prevalecer, substituindo todo o conjunto do ideário cristão a partir do século XVI. De acordo com eles, são as ideias de Hobbes, expressas no Leviathan que passam, pouco a pouco, a predominar e, no século XVIII, apesar do esforço de David Hume e outros filósofos que advogaram ideias contrárias as de Hobbes, aquelas “tornam-se ortodoxia” (Ibidem 2010:7).

Os autores seguem argumentando sobre a perda dos vários sentidos expressos pela palavra *kindness* – já apontados acima - e pontuando algumas perdas que essa transformação acarretou para a vida social e embasam suas reflexões na história, na teoria social, na psicologia e na psicanálise. Para eles, a compaixão e o altruísmo, “nunca encontraram um lugar de destaque como termos significantes na psicologia moderna” (Phillip and Taylor, 2010, p. 52). Para os autores, ao longo do tempo, fomos nos tornando ambivalentes em relação à compaixão, à benevolência, à generosidade e resistindo a reconhecer que o traço que nos une enquanto seres humanos é a nossa vulnerabilidade.

Natan Szneider e a Compaixão Pública

Para Szneider (2000), “a compaixão requer uma demanda moral ativa visando o sofrimento do outro. Sendo este outro alguém fora do círculo do conhecimento pessoal, essa atitude torna-se uma compaixão pública”. Segundo o autor, a compaixão pública formata obrigações morais com estranhos na arena da sociedade civil e da democracia liberal. “O estudo sociológico da compaixão, requer uma investigação sobre as condições sociais e históricas que tornaram possível esse estado moral e investiga a manifestação da compaixão em atividades organizadas, expressando um estado moral em ação”. Para ele, “nas sociedades liberais a compaixão requer além da ação, uma forte crença na benevolência universal, no otimismo e na ideia de que a felicidade pode ser alcançada na vida terrena” (Szneider, 2000, p.7).

Na direção contrária de Phillips e Taylor, discutidos acima, Szneider demonstra através da história da secularização de ideias anteriormente religiosas, bem como das ideias do iluminismo escocês como a compaixão foi se tornando um sentimento moral. Nas palavras de alguns de seus comentadores, “ao contrário de muitos críticos que pensam a modernidade como corrosiva dos sentimentos morais, Szneider advoga que é próprio da modernidade forjar sentimentos como a compaixão”.

A densidade do estudo de Szneider revela o desafio enfrentado pelo autor para argumentar a favor da compaixão como sentimento próprio da modernidade. Dialogando criticamente com autores como Foucault, Kant, Nietzsche, e outros, Szneider ancora-se também em Durkheim para sedimentar seus argumentos. A resposta de Durkheim a pergunta sobre - *o que mantém as pessoas juntas numa era de individualismo* - de que é a divisão do trabalho a base para uma vida social e ética, vem como base para a pergunta que o próprio Szneider se faz: *É possível a compaixão numa sociedade de indivíduos?* (Szneider, 2000, p.23). Para o autor a resposta a essa pergunta é um argumento contra “o senso comum existente nas Ciências Sociais que trata a moralidade a partir do ceticismo, do cinismo e mesmo da indiferença.” (Szneider, 2000, p. 23). Sua contribuição pode ser a de ampliar os limites hoje encontrados para a discussão da compaixão nas Ciências Sociais inaugurando um novo olhar nesse campo.

Samuel Oliner – Amor ilimitado, Compaixão e Perdão : atos de uma moral exemplar.

Nesse trabalho, o autor mostra a possibilidade concreta de realização de pesquisa com temas não muito incluídos na agenda tradicional das Ciências Sociais. A pesquisa feita parte de duas hipóteses: A primeira é a de que pessoas que obtêm uma pontuação alta em tópicos como altruísmo, espiritualidade, religiosidade, empatia e responsabilidade social, identidade moral e autoestima, tendem mais a perdoar e são prestativas por natureza. A segunda hipótese é a de que respondentes que obtêm uma pontuação alta nos mesmos tópicos e que e que foram feridas ou ofendidas de uma maneira séria, são mais propícias a perdoar seus ofensores. Oliner entrevistou 435 pessoas incluindo aí o que chamou de “moral exemplars” (exemplos morais), clérigos, estudantes universitários e a população em geral. Moral exemplars, foram apontados por pessoas específicas, tomando como base a reputação e a contribuição que dão para suas respectivas comunidades. Os resultados apresentados por Oliner são minuciosos e muitos são os cruzamentos feitos por ele para tecer o perfil dos seus entrevistados em relação ao perdão e as características pessoais escolhidas citadas acima. Para ele, cuidado, amor e perdão são importantes áreas de estudo porque muitas pessoas em diferentes lugares e em diferentes partes do mundo, sofrem

humilhação, guardam rancor e tem o desejo de vingança. Acreditando ser possível encorajar grupos de conflito a reconhecerem suas necessidades mútuas por respeito, justiça e amor, deve-se lutar para que isso seja alcançado. Oliner conclui seu trabalho fazendo referência ao Dr. Andrew Weil, médico, que sintetiza o poder do perdão na vida das pessoas. Segundo ele, a preservação da saúde mental mantém uma relação positiva com a capacidade do sujeito para perdoar. O tema escolhido para pesquisa pode ser replicado em outros lugares e contribuir para o entendimento existente em diferentes sociedades a respeito do perdão, da tolerância e de outros temas correlatos à compaixão.

Nancy Snow - Compaixão

O artigo de Nancy Snow traz uma dimensão importante para a o estudo da compaixão, na medida em que a autora advoga que as relações estabelecidas no processo compassivo podem servir de base para uma teoria social e política da sociedade. Nesse sentido ela defende a racionalidade da compaixão como resposta emocional e atesta a necessidade de uma breve incursão na psicologia moral. Estabelecendo uma relação entre a compaixão e outros sentimentos como piedade, luto e simpatia, Snow desenvolve situações onde esclarece diferenças na relação entre aquele que sente piedade, luto ou compaixão e aquele por quem se sente cada um dos mesmos sentimentos. Cada uma dessas situações envolve a existência de "crenças e sentimentos". Nas palavras da autora, tem-se que: a- compaixão, piedade, simpatia e luto, são formados, cada um deles, por crenças e sentimentos; b- existem crenças que acompanham cada um desses sentimentos e que distingue cada um deles entre si; c- alguns desses sentimentos são sobre o objeto (sujeito) que é o foco da emoção" (Snow, 1991, p. 196).

A necessidade de se estabelecer o foco sobre o objeto (sujeito) por quem se sente essas emoções, se dá na medida em que não é possível estabelecer uma diferença sobre o tipo de sentimento experimentado, se piedade, compaixão, simpatia e luto – a partir daquele que vivencia tal sentimento. Para a autora, o sentimento da compaixão significa "sofrer com o outro" e inclui uma preocupação altruística, com o bem do outro." (Snow, 1991, p. 197). A partir dessa definição Snow segue estabelecendo diferenças entre compaixão e piedade, e afirma que a compaixão envolve uma dimensão de urgência que não se encontra no sentimento de piedade. ...“É possível sentir piedade por alguém e manter uma distância emocional do que de fato está ocorrendo com o outro. Quando se sente compaixão, essa distância é ultrapassada. O ponto central na definição do sentimento da compaixão está na frase *“poderia ser comigo”*” (Snow, 1991, p.197).

A autora se pergunta sobre a possibilidade de advogar sobre a dimensão da racionalidade para o sentimento da compaixão, como a inclusão deste sentimento como base para uma teoria das relações sociais e, até mesmo, de uma teoria do estado. Em ambas situações, Snow tece considerações respondendo positivamente seus questionamento, como já mostrado anteriormente. Na verdade, esse é o seu argumento, e ela justifica cada um dos pontos levantados, dialogando em cada caso com teorias pertinentes.

Assim, enquanto para as características do sentimento experimentado em torno do sujeito por quem se sente pena, compaixão ou piedade, ela volta o olhar para estudos de natureza psicológica que buscam compreender as emoções, como o estudo de Gabriele Taylor, *Justifying the Emotions*, quando se trata de das teorias sociais, o diálogo se estabelece com autores que desenvolveram, pensaram, e formularam uma teoria sobre o estado. Marx, é seu ponto de partida, mas é com Hobbes através da teoria do contrato social, que ela dialoga mais intensamente, sobretudo pela influência dessa teoria como fundamento da sociedade civil e política. Snow finaliza advogando a respeito de uma teoria social com base na compaixão. Para a autora, “uma sociedade caracterizada pelo cuidado e pela preocupação com os seus membros, é uma sociedade moralmente melhor do que aquela onde sentimentos positivos não são encorajados” (Snow, 1991, p. 204).

Concluindo

Nesse trabalho, conseguimos reunir diversas experiências tendo como foco a compaixão. Partimos do trabalho de Karen Armstrong que se encontra relacionado a acontecimentos importantes do

século XX como o 11 de Setembro, onde a autora, a partir de estudos sobre das religiões monoteístas, mostra a dimensão coincidente das mesmas e com isso ultrapassa o sentido da compaixão como âmbito apenas da religião. A seguir, trouxemos o nosso trabalho sobre a compaixão como uma prática educativa de intervenção que se iniciou como um desafio tanto na sua parte de desenvolvimento junto às crianças de uma escola pública da periferia de Recife, quanto na sua busca por referencial teórico nas Ciências Sociais. Aos poucos superamos todas as etapas impostas para a execução do projeto de extensão, participando de editais de seleção e de avaliações departamentais na universidade. Ao longo desses dezoito meses de trabalho fomos ganhando confiança na metodologia adotada e densidade nas informações obtidas.

A ideia de reunir os estudos apresentados acima é a de formarmos o nosso corpo de referencial teórico para que o tema da compaixão possa ser expandido para além dos muros da escola em que estamos desenvolvendo o projeto e avance no sentido da construção de um corpo de conhecimento sistematizado para o aprofundamento da reflexão teórica.

Os quatro trabalhos apresentados guardam entre si pontos de diferença e de semelhança. Mais importante aqui é apontar os pontos de semelhança. Podemos afirmar que todos definem o conceito de compaixão como a capacidade de se colocar no lugar do outro; todos reivindicam de forma mais ou menos explícita uma discussão laica e secularizada do termo para que o mesmo alcance dimensões mais amplas na sociedade. Em relação aos fundamentos teóricos encontrados, observamos que há um consenso na referência crítica aos escritos de Hobbes. A compaixão como proposta para o embasamento de uma teoria social, ou para uma discussão em torno do seu papel na formação de valores sociais, é colocada em contraponto aos trabalhos desse autor, observando-se isso no trabalho de Phillips e Taylor (2010), no de Snow (1991) e no de Sznajder (2000). Com Oliner (2007), o tema da compaixão é relacionado ao perdão e a capacidade de perdoar, sugerindo possibilidades de intersecção de práticas de rigor científico da pesquisa sociológica. É importante ressaltar ainda a conceituação de Sznajder sobre a Compaixão Pública e a partir da interlocução com Durkheim a introdução do estudo da compaixão dentro da Sociologia das Moralidades

A partir desses estudos, as reflexões sobre a compaixão ganharam dimensões mais abrangentes e poderão se desdobrar em um corpo de conhecimento mais extenso suscitando novas possibilidades de intervenção e reflexão.

Bibliografia

ARMSTRONG, Karen. **Twelve steps to a compassionate life**. United Kindmon: Random House , 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do compromisso**. Villa das Letras, 2008.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo:Cosac&Naify, 2005.

OLINER, Samuel - Unlimited Love, Compassion and Forgiveness: Acts of Moral Exemplars **In: DASGUPTA, Samir . Discourse on Applied Sociology:Theoretical Perspectives** Volume 1 . India: .Athem Press, 2007.

PHILLIPS, Adam. **On Kindness** / Adam Phillips and Barbara Taylor. New York: Picador /Farrar, Strass and Giroux, 2009.

SNOW, Nancy. **Compassion**. American Philosophical Quarterly, Vol. 28, No. 3 (Jul., 1991), pp. 195-205Published by: University of Illinois Press.
<http://www.jstor.org/stable/20014373> .Accessed: 25/06/2013 17:07

SZNEIDER, Natan . **The compassionate temperament: Care and Cruelty in Modern Society**. USA: Rowlan &Littlefield, 2000.

